

Marechal Mascarenhas de Moraes

O gaúcho que comandou a Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial em defesa da liberdade e democracia

Cláudio Moreira Bento¹

Em 13 de novembro de 2015, transcorre o aniversário de nascimento do marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, de família modesta e sem tradição militar, na castrense São Gabriel que ele ajudou a consagrar como a terra sulina dos marechais e dos historiadores militares. Coube-lhe a suprema honra, na Segunda Guerra Mundial, em função de Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, de comandar as principais ações militares do Brasil, levadas a efeito contra o nazi-fascismo.

Primeiro, ao bem organizar a defensiva no Nordeste, “O Trampolim da Vitória”, a proteção dos seus portos e das bases aéreas americanas em Natal e Recife, e da ilha de Fernando de Noronha, contra um ataque alemão partindo da África, até a conquista desta pelos Aliados.

Segundo, ao comandar a vitoriosa ação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália. Histórica e gloriosa missão que ele classificou antes de partir de “a maior aventura da História do Brasil e do Povo Brasileiro”, depois classificada pelo Congresso Brasileiro como “o mais brilhante empreendimento militar do Brasil na República.”

Atuação brilhante, pela qual o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Casa da Memória Nacional, em sua função de Tribunal da História, consagraram Mascarenhas de Moraes “Como herói nacional, e recomendá-lo como exemplo de patriota moderno.” Se o Duque de Caxias, sócio honorário do IHGB, instituição que abriga desde 1925 sua heroica e invicta espada de campanha, é o maior soldado do Brasil e a maior Espada do Império, Mascarenhas de Moraes é o maior soldado da República. Ambos os líderes militares providenciais, com que contou a Pátria Brasileira, em três dos seus mais graves momentos, para conduzir o Brasil à Vitória, em guerras externas, a que foi forçado, contrariando a sua tradição pacifista e de repúdio à Guerra de Conquista. Caxias é hoje o Patrono do Exército e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), consagrado na condução das guerras contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai (1865-70), em defesa da integridade e da soberania do Brasil.

O marechal Mascarenhas destacou-se na primeira guerra extracontinental de que

¹ Coronel do Exército (reformado). Jornalista e historiador militar, foi instrutor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras, onde preside, em seu interior, a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e a AHIMTB Resende Marechal Mário Travassos.

o Brasil independente participou, ao lutar na Itália e fazer muito boa figura, em aliança ou contra representações dos mais modernos e melhores exércitos do mundo, presentes na Europa Ocidental, no maior conflito da História da Humanidade, em defesa da democracia e da liberdade mundial. À medida que passam os anos, à semelhança de Caxias, que foi o seu modelo em vida, vem se agigantando na projeção da vida e obra do nosso marechal “que somente viveu do Exército e para o Exército, ao serviço do Brasil, na paz e na guerra, até o sacrifício sem reservas e vacilações”. Em função disso, nosso herói recebeu justas e honrosas homenagens, tais como: do povo norte-americano, três citações presidenciais, consagradoras de sua obra como cabo de guerra de projeção internacional; dos gaúchos, a oferta de Espada de Ouro — hoje no Museu da República —, honraria concedida antes ao general Osório, também gaúcho, e o maior líder de combate de nossa História; do Povo Brasileiro, através da Assembleia Constituinte em 1946, a concessão das honras de marechal-de-exército; e do Congresso e Executivo do Brasil, em 1951 (Lei nº 1.448, de 10 dez 51), a sua reversão ao serviço ativo, em caráter vitalício, no posto de Marechal-de-Exército. Honraria igual à concedida depois da I Guerra Mundial, pela França, aos seus marechais que a conduziram à Vitória e, pelos Estados Unidos, ao general John Pershing, que comandou os americanos naquela guerra na Europa.

O nosso marechal faleceu em 17 de setembro de 1965, aos 85 anos, cercado de todo o respeito do Exército e da Nação e da veneração de seus comandados da FEB, que ele liderou e por eles se interessou até falecer. Isto,

com a consciência tranquila de haver trasladado da Itália os mortos na campanha da FEB para o monumento condigno aos Mortos do Brasil na II Guerra Mundial, que idealizou e construiu sob o argumento: “Eu os levei para o sacrifício cabe-me trazê-los de volta”, exímia e edificante atitude do maior soldado brasileiro contemporâneo. E cumpre-nos realçar os relevantes serviços que prestou ao desenvolvimento da cultura, ao culto às tradições militares nacionais, da Geografia e da História do Brasil.

Como comandante da Escola Militar, 1935/37, quando no Realengo (EMR), oficializou, estimulou e dinamizou a Biblioteca Central, a dos Cursos das Armas e Serviços e a da Sociedade Militar Acadêmica, integrada por cadetes. Sociedade presidida, entre outros, pelos cadetes Aurélio de Lyra Tavares e Jarbas Passarinho, ambos hoje patronos de cadeira na FAHIMTB. E criou outras, especializadas. Tudo visando a despertar nos futuros oficiais o gosto pela leitura e o recurso ao autodidatismo no aprimoramento da cultura geral, profissional e especializada. Na fase Defensiva do Nordeste, contra um possível ataque alemão partindo da África, foi buscar inspiração, para si e para seus comandados, nos Montes Guararapes, através de cerimônia cívico-militar memorável, de trasladação para a igreja, mandada construir pelo general vencedor daquelas memoráveis batalhas, dos restos mortais dos heroicos Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros. Montes Guararapes, em 21 de abril de 1971, foi inaugurado como o 1º Parque Histórico Nacional, pelo presidente Emílio Médici. Parque Histórico do qual recebi a honrosa missão como oficial do estado-maior do en-

tão IV Exército, de coordenar o seu projeto, construção e inauguração e escrever como missão o meu primeiro livro: *As Batalhas dos Guararapes – Descrição e Análise Militar*. Recife: UFPE, 1970.

Ao retornar da Itália, vitorioso, Mascarenhas foi depositar os louros conquistados pela FEB nos Montes Guararapes, proferindo palavras memoráveis e antológicas, que, desde a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em 1971, encontram-se inscritas, em bronze, em local de destaque ao mesmo nível da Igreja N. Sra. dos Prazeres. Como demarcador das novas fronteiras, do Brasil com a Bolívia, no Acre e Mato Grosso, decorrentes do Tratado de Petrópolis de 1903, prestou assinalados e relevantes serviços à Geografia do Brasil. Sua obra específica merece respeito e consagração dos brasileiros e em especial dos seu conterrâneos do Rio Grande do Sul. Prestou meritório serviço à Memória Nacional ao produzir as obras *A FEB por seu comandante* e *Marechal Mascarenhas de Moraes – Memórias*, 2 v., fontes preciosas de nossa História Contemporânea, que o consagraram como patrono de cadeira da Federação de Academias de História Militar Terrestre (FAHIMTB), que fundamos em Resende em 1º de março de 1994, no aniversário do término da Guerra do Paraguai. FAHIMTB foi, desde então, acolhida em instalações da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), que ele comandara no Rio de Janeiro, como Escola Militar do Realengo. Essas obras, ao lado de trabalhos históricos que produziu, focalizando o Duque de Caxias como a Maior Espada do Império e o general Gamelin, primeiro chefe da Missão Militar Francesa (MMF) no

nossa Exército, também o consagram como historiador militar. Revelam uma consciência histórica cristalina, serena e equilibrada dos tempos que viveu e testemunhou, fruto de segura, madura, honesta e muito franca interpretação.

As suas *Memórias*, em particular, constituem uma das mais serenas e claras fontes da História do Exército, como Instituição e Força Operacional, no contexto de Reforma Militar. E mais, indispensável item na bagagem e cabeceira dos oficiais, como um guia do oficial do Exército Brasileiro. Elas traduzem a vivência militar de quem é hoje padrão, símbolo e patrono espiritual do soldado brasileiro moderno. Além de ser exemplo de ilustre e exemplar cidadão, cabo de guerra estudioso, dedicado, simples e corajoso. E para Menotti del Pichia, “o marechal historiador”, que ajudou a fazer e a escrever um dos mais belos capítulos da História Contemporânea, ao comandar a FEB na Segunda Guerra Mundial.

A infância e o despertar para a carreira das Armas

Jango, como era conhecido em família, recebeu influência cultural e espiritual de seu avô materno, pelotense que estudou no Caraça, em Minas. Seu avô venceu na vida, tornando-se estancieiro próspero em São Gabriel, onde foi vizinho e amigo de Deodoro da Fonseca. Sua infância foi feliz. Aos 10 anos, a Revolução Federalista de 93, com seus barbarismos, obrigou-o a migrar para Porto Alegre, em companhia dos pais, com significativa perda patrimonial. Em Porto Alegre, durante o dia auxiliava a mãe numa

padaria, enquanto o pai percorria o Rio Grande como caixeiro-viajante. À noite estudava, visando à Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, cedendo à vocação de soldado. Esta, despertada na infância “ao deslumbrar-se com o brilho das espadas, o vibrar de clarins e com os desfiles do Regimento de Mallet, aos domingos, para assistir missa na Matriz”. E, como era tradição no Império, “com suas fardetas ajustadas, guritões de verniz, gravatas de couro e calças alvíssimas”.

Iniciou a carreira militar em 1º de abril de 1899, na Escola Tática do Rio Pardo, em turma de civis, onde se destacava, e onde conheceu “a figura minúscula, como eu, de Bertoldo Klinger” e “Getúlio Vargas, senhor já daquele sorriso que nunca o abandonou”.

Sobre essa escola, publicamos, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, a obra *Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911* (Porto Alegre: AHIMTB/Gênesis, 2005), que resgata a vida naquela Escola dos alunos Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra e Bertoldo Klinger — este, memorialista que nos ajudou neste resgate, o mais difícil que enfrentamos, por carência de fontes primárias.

Mascarenhas concluiu a escola com destaque, no início de 1902, quando tomou contato com o Rio, terra adotiva, como aluno da Escola Militar da Praia Vermelha. Ali foi colhido, ao final do 3º ano, pela Revolta da Vacina Obrigatória de 1904, da qual se recusou, de pronto, como poucos, a participar. Fechada e extinta a Escola, foi mandado apresentar-se à tropa como soldado raso de Infantaria e logo a seguir de Artilharia na Fortaleza de São João. Ali colheu, através do sargento Fontoura, um correto exemplo de profissional modelar e consciente. Em 23 de

agosto de 1905, após exames, foi de soldado a alferes-aluno, posto lembrança do que classificou de “um Exército de teóricos”, a cuja última turma pertenceu. Aliás, denominação abandonada, desde então, em função do Regulamento de 1905, pela atual de aspirante a oficial. Regulamento que transformou o episódio político da Revolta da Vacina na maior revolução doutrinária ou cultural do Exército. Isto por se constituir em ponto de inflexão do ensino militar, de bacharelismo para profissionalismo militar. E, na prática, por elevar os padrões de operacionalidade do Exército, dos descoloridos e tristes de Canudos e Revolução Federalista, para os destacados padrões atingidos pela FEB, que Mascarenhas teve a honra e o privilégio cívico de conduzir à Vitória na Itália.

Coube-lhe assim, como representante da última turma do bacharelismo da Praia Vermelha, impregnada por um Positivismo mal interpretado no Campo Militar, dar a volta por cima e tornar-se o maior expoente do profissionalismo militar, ao comandar a FEB.

Demarcador de fronteiras no Brasil-Bolívia no Acre

Sua primeira missão foi na demarcação das fronteiras com a Bolívia, no Acre e Mato Grosso, em função do Tratado de Petrópolis de 1903. Nela, demorou-se cinco longos anos. Percorreu os vales dos rios da Prata, Paraná, Paraguai, Madeira, Abunã, Xipamano, Rapina e Amazonas. Num intervalo da missão, cursou Engenharia e Estado-Maior. Como engenheiro, praticou na construção do Forte Copacabana. Acusou de ridículo e pretensioso o Ensino Militar da

época, ao conferir a um 2º tenente o título de oficial de estado-maior. Este modificado pela Missão Francesa, ao entendimento atual. Conseguiu driblar a malária e aumentar suas rendas para auxiliar seus pais e realizar o sonho de constituir família. Consciente, de forma clara, dos momentos históricos que viveu, registrou a coincidência de quatro conterrâneos gabrielenses terem tido participação ativa na incorporação do Acre ao Brasil: Gentil Norberto, ao iniciar a Revolução Acreana; Plácido de Castro, ao colocar-se à frente do movimento armado e torná-lo vitorioso; o diplomata e jurista J. F. Assis Brasil, como negociador plenipotenciário, junto com Rio Branco, do Tratado de Petrópolis de 1903; e, finalmente, ele Mascarenhas de Moraes, como um dos demarcadores das novas fronteiras com a Bolívia, no Acre.

Início de suas ligações sentimentais

De retorno da demarcação no Acre, em 1915, tiveram lugar duas fortes ligações sentimentais: primeiro, o casamento com sua conterrânea Adda Brandão, com quem viveu ligação modelar e teve um casal de filhos; a segunda, sua ligação com o Regimento de Artilharia Montada – Grupo Floriano, onde penetrou afetivamente nos mistérios de Artilharia, inclinação despertada na infância à vista do heroico e legendário Regimento Mallet e por ouvir suas béticas tradições. Ali foi guia seguro e esclarecido o seu amigo desde o Rio Pardo, o capitão Bertoldo Klinger, que cursara, de forma brilhante, Artilharia no Exército Alemão.

Era a época da Revolução Cultural, levada a efeito em *A Defesa Nacional* por Klin-

ger, Leitão de Carvalho, Euclides Figueiredo, Paula Cidade, entre outros. Klinger e Paula Cidade eram gaúchos. Klinger, filho de Rio Grande, e Paula Cidade, porto-alegrense e meu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Ambos são hoje patronos de cadeiras numeradas na FAHIMTB.

Consciente disso e das constantes intervenções da Escola Militar na vida política do Brasil, desde a campanha republicana, no Império, o coronel Mascarenhas de Moraes fez um levantamento de todos os movimentos ocorridos em escolas do Exército (Praia Vermelha, Realengo, Porto Alegre e Rio Pardo). Determinou suas causas e tratou de erradicá-las.

Ao eclodir a desastrada Intentona Comunista de 1935, empregou os cadetes na erradicação do foco na Escola de Aviação, em apoio à ação da Vila Militar e à reação liderada pelo então tenente-coronel Eduardo Gomes no 1º Regimento de Aviação. Coube a cadetes render e conduzir à sua presença, na Escola Militar, os dois principais chefes do levante na Escola de Aviação e conduzi-los, presos, à 1ª Região Militar.

O dia 27 de novembro de 1935 foi também marco da erradicação de revoltas da Escola Militar, fruto da manipulação externa, da pureza e romantismo cívico da juventude militar, combinada com desassistência interna. Sobre isso, registrou o coronel Mascarenhas: “Sob o meu comando, pela primeira vez no Brasil, os alunos da Escola Militar saíram do quartel para defender a ordem e as instituições”. E continuou:

Mediante assistência dedicada e permanente, diligenciei no sentido de que os cadetes, futuros chefes, fossem preservados da deformação mental provocada pelo espírito revolucionário extremista, apregoados pelo Comunismo e Integralismo. Foram sobretudo orientados e instruídos no respeito à Lei e à Disciplina, fundamentos de todo o Ordenamento Jurídico do Brasil.

Em janeiro de 1936, dirigiu, em presença do Chefe da Nação, aos aspirantes da turma de 1935, saudação que chamou de “Modesto Catecismo”, com 15 itens, para orientar a vida dos aspirantes e que conserva até hoje grande atualidade. Dele, destaco quatro conselhos, frutos de reflexão madura duma vivência militar de 35 anos. Conselhos de um chefe extremamente responsável e, mais do que isso, o pai de um dos cadetes em forma:

- “Ampliai vossa cultura profissional, em proveito próprio e no do adestramento da Tropa que comandais” (cultura e operacionalidade).
- “Economizai e conservai, com carinho, os bens da Fazenda Nacional e em especial o material de guerra que, além de caro, é diminuto para nossa necessidade” (economia e zelo pelos bens da Nação).
- Sede brandos e justos para com vossos comandados, subordinados e leais para com os superiores, severos convosco, abnegados no serviço, tudo na forma sublime do sacerdócio militar” (justiça, lealdade, dar o exemplo – carreira militar, sacerdócio).
- “Senti bem a força de vossa autoridade, sem vos esquecerdes de que ela é uma delegação do próprio Es-

tado, através de todos os escalões da Hierarquia. Ela emana da Soberania Nacional e, como tal, só se exerce em defesa do Brasil e de suas Instituições” (autoridade militar é delegação para defesa da Pátria).

Modesto Catecismo também ouvido pelo aspirante Carlos de Meira Mattos, mais tarde seu capitão na FEB, seu amigo, prefaciador de suas *Memórias*, e hoje seu biógrafo, considerado uma das maiores autoridades em Gepolítica do Brasil, também ex-comandante da AMAN e o primeiro a tomar posse como acadêmico da FAHIMTB, inaugurando a cadeira numerada Marechal Mascarenhas de Moraes, cadeira hoje que tem por titular seu único neto o acadêmico Cel Art Roberto Mascarenhas de Moraes. E mais, pelos cadetes do 2º ano, entre os quais o seu próprio filho Roberto Brandão Mascarenhas de Moraes. No 1º ano, formavam, entre outros, os cadetes João Baptista de Oliveira Figueiredo e Délío Jardim de Mattos. Entre os capitães e tenentes que integraram a FEB muitos eram seus ex-cadetes na Escola Militar.

Pelo Boletim Escolar nº 31, de 6 de fevereiro de 1937, reconheceu e oficializou a Biblioteca Escolar, bem como as dos cursos e a da Sociedade Acadêmica. Autorizou os departamentos de Equitação e Educação Física a organizar bibliotecas especializadas.

Seu gesto sucedeu de um ano ao da criação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, do qual é patrono da cadeira nº 79. Antecedeu um ano a reorganização da BIBLIEEX com o espírito, então, de dar preferência a trabalhos de militares do Exército, para estimular o surgimento de novos

escritores militares e apoiar, como biblioteca de consulta, os militares da Guarda do Rio. Tudo como parte de um contexto de apoio e estímulo ao desenvolvimento e difusão da corrente do Pensamento Militar Brasileiro que emergiu da Reforma Militar e a orientou. Pensamento visando ao longo prazo, à formulação de uma Doutrina Militar Brasileira genuína — sonho que vinha sendo sonhado e perseguido por Caxias, Deodoro, Floriano, Medeiros Mallet, Hermes e Clodoaldo da Fonseca e pelos “Jovens Turcos” da revista *A Defesa Nacional*, os veteranos de nosso Exército, que lutaram ao lado da França na 1ª Guerra, os integrantes da Missão Indígena da Escola Militar do Realengo 1919/1921, os pensadores militares J. B. Magalhães e Castelo Branco e muitos outros, que seria exaustivo enumerar, até 1945.

Como outros eventos marcantes de seu comando na EMR registrem-se: o recebimento do Espadim de Caxias, das mãos do presidente Getúlio Vargas, pelo primeiro recipiendário do Espadim de Caxias a atingir a Presidência da Nação e a Chefia Suprema das Forças Armadas, o ex-presidente general João Figueiredo; o envio de representação de um pelotão de Cavalaria a Porto Alegre, para o Centenário da Revolução Farroupilha; a definição de 23 de abril, data de início do funcionamento da Academia Real Militar em 1810, como data oficial do aniversário da Escola Militar, hoje AMAN; a consagração da Escola Militar como Campeã Universitária de Atletismo; e, finalmente, a incorporação à Escola, em 25 de fevereiro de 1937, do bronze “Pela Pátria, pela Humanidade”, alegoria ao gesto heroi-

co do aspirante Humberto Pinheiro Vasconcelos, que deixou mutilar sua mão e braço, colocado do lado de fora da sala, por uma janela, para evitar que granada de mão, acionada accidentalmente, atingisse a tropa que instruía numa sala.

A partir de 1936, o coronel Mascarenhas registrou o brilhante auxílio que passou a receber do então major Tristão Alencar de Araripe, emérito instrutor da Tática Geral na ECEME, como seu diretor de ensino, personalidade que se destacou na Segunda Guerra Mundial na defesa de Fernando de Noronha e, depois, como historiador e presidente, diversas vezes, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, além de membro do IHGB e comandante da Escola de Estado-Maior, e também um grande defensor do ensino de História Militar Crítica à luz dos Fundamentos da Ciência e da Arte Militar e não como História Descritiva.

Atuação na Segunda Guerra Mundial

A ação de nosso herói moderno foi providencial, relevante e vitoriosa na Segunda Guerra Mundial. Tanto na fase Defensiva, no Nordeste, como na Ofensiva, na Itália, em resposta ao acordo Militar Brasil-EUA (Mar 1942).

Na fase Defensiva, como comandante da 7ª Região Militar, no Recife para:

Assegurar a integridade do Nordeste, ‘O Saliente Nordestino’ incluído no cinturão de Defesa Estratégica dos EUA, contra possível ataque alemão partindo da África,

até que ocorreu o desembarque vitorioso americano naquele Continente.

O correto e eficaz desempenho dessa missão é atestado pela citação do presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt, ao conceder-lhe a Ordem da Legião do Mérito:

Conduta excepcionalmente meritória, de setor que incluía bases aéreas e portos. Organizou e dirigiu a defesa dos mesmos quando era constante a ameaça de ataques. Sua previsão, excelente critério, iniciativa, habilidade para organização, faculdade inventiva e superior direção, contribuíram de maneira inestimável para a continuação do esforço de guerra no Nordeste.

Nessa honrosa missão, teve o concurso de cerca de 50.000 militares. Entre eles, alguns historiadores do IHGB. O primeiro, o general Estevão Leitão de Carvalho, que lhe “fez inspeção severa e preciosa com observações úteis e plausíveis”. O terceiro, após ter deixado o Nordeste, o general Tristão de Alencar Araripe, no comando da defesa de Fernando de Noronha “A guarnição sacrifício”, cujos 99 canhões 152 foram desembarcados em trabalhos hercúleos e épicos, pelos pontoneiros do 4º Batalhão de Engenharia de Combate de Itajubá, que tive a honra de comandar em 1981/82. Canhões que foram instalados e apontados pelo nosso estimado confrade nos IHGB e IGHMB general Francisco de Paula Azevedo Pondé, também presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e hoje patrono de cadeira na FAHIMTB.

Na fase Ofensiva, coube-lhe conduzir a FEB à vitória, nos campos da Itália. Feito maior que trataremos sinteticamente por se achar bem preservado e divulgado e com suas fontes significativamente arroladas, pelo

coronel Francisco Ruas Santos, expedicionário da FEB e introdutor, na AMAN, em 1961, do ensino de História Militar Crítica, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar — trabalho editado pela BIBLIEX, sob o estímulo de seu diretor, à época e também nosso ilustre consócio, Gen Umberto Peregrino, que se preocupou em editar trabalhos sobre a FEB e que apoiou o marechal, através da BIBLIEX, na primeira cerimônia realizada no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, ainda em construção no Aterro do Flamengo. História da FEB cujas fontes primárias reunimos numa sala especial no Arquivo Histórico do Exército, quando o dirigimos, em 1985/1991, sendo secretário do Exército o hoje acadêmico emérito Gen Ex Jonas de Moraes Correia Neto, ocasião em que conseguimos mudar o nome de Arquivo do Exército para Arquivo Histórico do Exército, com sua missão definida em placa de Bronze em sua entrada.

Atuaram em apoio ao marechal mais três ilustres consócios e chefes militares. Primeiro, o general Estevão Leitão de Carvalho, como representante do Brasil na Comissão Mista Brasil-EUA, intermediário entre os dois governos, em tudo que se referia à FEB e ex-comandante da Escola de Estado-Maior.

Segundo, nosso confrade no IHGB, o então tenente-coronel Nelson Lavanére-Wanderley, pioneiro do primeiro voo do CAN, e hoje seu patrono e também patrono de Delegacia da FAHIMTB em Santos Dumont, MG, e como integrante da comitiva do marechal na África, para os primeiros contatos com oficiais dos EUA no TO do Mediterrâneo e que permaneceu naquele TO, como

oficial de ligação de aeronáutica das forças brasileiras com as norte-americanas.

Em terceiro lugar, o então tenente-coronel Aurélio Lyra Tavares, integrando a Chefia do Estado-Maior do Interior no Brasil, encarregado de assuntos relacionados com a FEB, na Itália, cujos detalhes nos fornece em sua obra *O Brasil de minha geração v.2* e que, na qualidade de ministro do Exército, baixou ato em 1968, incluindo foto e dados sobre o marechal, no *Almanaque dos Oficiais do Exército*, logo a seguir à página reservada ao Duque de Caxias — como Patrono do Exército.

Além das vitórias colhidas na FEB pelo marechal Mascarenhas e os cerca de 25.000 brasileiros que comandou (militares do Exército e Força Aérea, enfermeiras e civis do Banco do Brasil), merece destaque o grande feito pouco percebido e enfatizado, mesmo por especialistas. Feito semelhante ao milagre da transmutação da água em vinho! Ele consistiu na adaptação da FEB na Itália, da Doutrina Francesa em implantação há 24 anos no Brasil, para a Doutrina Americana, graças à criatividade e adaptabilidade do soldado brasileiro e o valor de chefe do futuro marechal.

Eram doutrinas com diferenças gritantes em seus processos e equipamentos. A americana era baseada na motorização, no fuzil Garand, nos canhões 105 e 155, na observação aérea etc., coisas desconhecidas do Brasil, com seu Exército hipomóvel, voltado para a defesa das fronteiras Sul e Oeste e não para uma expedição ultramarina.

Durante a campanha, Mascarenhas tomou duas decisões históricas de grande repercussão na sucessão de vitórias da FEB, segundo Meira Mattos.

A primeira foi a centralização do comando, depois dos insucessos de Monte Castelo, particularmente o preparo e conduta das operações de combate. Daí por diante, as ações da FEB foram conduzidas com sucessos assinalados pelas vitórias de Monte Castelo, Castelnuovo, Montese e Collechio, entre outras. Sobre isso, escreveu: “A FEB somente passou a resplandecer no cenário da guerra, quando centralizei em minhas mãos o comando periclitante de nossa Divisão Expedicionária”.

A situação traz-me à lembrança a conduta da guerra do Paraguai, até o desastre de Curupaiti, que determinou a ida de Caxias para assumir o Comando Único e Centralizado. À primeira vista, é uma preciosa lição da História Militar do Brasil. É um assunto importante a ser analisado como lição.

A segunda foi embarcar a Infantaria nos caminhões da Artilharia, na fase da Perseguição às forças inimigas em retirada. O marechal foi formado na era hipomóvel. Esta decisão determinou a surpresa tática das unidades alemãs que tiveram a retirada cortada pela FEB, através do rio Pô. Isso resultou na rendição de 15.000 alemães e o abreviamento da campanha. Esse feito traz à lembrança a manobra desbordante de Caxias, de Piquiri, através do Chaco, com o desembarque de surpresa, em Santo Antônio, entre o grosso adversário e a capital Assunção.

Por sua brilhante atuação no comando da FEB, Mascarenhas de Moraes foi alvo das citações do presidente dos Estados Unidos cujos termos sintetizo:

Demonstrou em grau superlativo, habilidade, liderança e coragem. Conduziu a

FEB por 299 dias de ação contínua, contra o inimigo, sob intempéries por ele desconhecidas. Suas tropas fizeram cerca de 20.000 prisioneiros. Cumpriu todas as missões recebidas dos oficiais do Exército dos EUA, sob cujas ordens serviu, demonstrando suas magníficas qualidades de líder de combate.

E em outra citação:

Dirigiu hábil e corajosamente operações contra resistências sob condições adversas do terreno. Neste afã se expôs a grave perigo nas áreas avançadas. Pela sua vigorosa e sábia direção, a FEB mostrou adaptabilidade e zelo na execução de cada missão. O largo conhecimento profissional e habilidade para cooperar e coordenar com as unidades aliadas, envolvidas nas operações, granjearam-lhe créditos e estão em acordo com as mais altas tradições dos exércitos aliados.

Do povo brasileiro recebeu consagração através de Projeto de Lei nº 115 de 1948 do Congresso Nacional, assinado por 143 deputados, entre os quais sócios do IHGB, general Jonas Correia e Afonso Arinos. Foi também deputado signatário Euclides Figueiredo, Jovem Turco e Missionário Indígena, e pai do ex-presidente general João Figueiredo. O projeto foi transformado na Lei nº 1.488 de, 10 de dezembro de 1951, sancionada pelo seu antigo calouro do Rio Pardo, o então presidente Getúlio Vargas e com o seguinte espírito: Investidura no posto de marechal-de-exército, reversão e permanência no serviço ativo até morrer.

Na justificação do projeto, seus signatários se expressaram, entre outros, nos seguintes termos:

Sob seu bravo comando, a FEB realizou os mais gloriosos feitos. Onde quer que tenha atuado antes da guerra, deixou a marca de uma forte individualidade e de militar dotado das virtudes essenciais à profissão de soldado. Democrata nas ideias e nos hábitos, discreto, inimigo do ruído em torno de seu nome e atos. Modelo, em resumo, do oficial completo para quem o serviço da Pátria é o objetivo supremo da existência. Na direção das tropas, no estrangeiro, longe da Pátria, mostrou, finalmente, como era de fato incomum a sua capacidade de chefe militar e de esplêndido condutor de homens. Capacidade de comando revelada pela ascendência sobre os subordinados, baseado no exemplo e na confiança que soube conquistar, pela prática das verdadeiras virtudes militares e provas positivas e permanentes das qualidades de chefe.

Significação histórica

O marechal Mascarenhas de Moraes é símbolo e padrão do soldado brasileiro moderno. Comandou à vitória forças brasileiras, na Itália, no esforço de guerra dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, que culminou com a derrocada da ameaça nazi-fascista no maior conflito da Humanidade.

Por essa razão, principalmente, conquistou lugar de grande relevo, entre os maiores guerreiros do Brasil, cultuados, evocados e apontados como exemplos à Nacionalidade,

Nosso marechal conheceu em vida a glória e a consagração, como herói nacional militar, em demonstrações espontâneas oportunas e justas de parte do Povo Brasileiro e do Exército do Brasil. Iniciando a vida militar, como aluno, passou pela graduação de soldado raso e atingiu a culminância da

hierarquia militar no posto de marechal, por vontade soberana do Povo Brasileiro. Esta, manifestada através do Congresso Nacional. Por vontade desse mesmo Povo Brasileiro reconhecido, teve o privilégio da vitaliciedade no Serviço Ativo e o de ser soldado na ativa por 65 anos, até morrer.

Sua espada honrada só foi desembainhada em defesa da Lei, da Ordem e das Instituições, no campo interno, e da democracia e da liberdade mundial, no campo internacional. Prestou assim brilhantes serviços, de grande projeção no Brasil, em sua marcha rumo à conquista de seu destino de grandeza.

Concentrando no comando da FEB, na Itália, e no retorno vitorioso da mesma, grandes poderes legais e potenciais, de fato, em suas mui dignas mãos, jamais abusou dos mesmos; virtualmente soldado, não cedeu às tentações políticas, em que caíram vários generais, ao retornarem cobertos de glórias do campo de batalha, conforme o registra a História da Humanidade.

Suas glórias imortais e consagradoras, como a maior espada até o presente, da República, ele as conquistou com soldados tropicais no montanhoso e por vezes nevados campos de batalhas na Itália, já sexagenário, e na condição de o mais velho general Aliado em campanha, naquele Teatro de Guerra.

Lá, segundo seu oficial de operações, o então tenente-coronel Humberto de Alencar Castello Branco, nosso herói afrontou a morte com serenidade, expondo-se aos lances e perigos da guerra, com característica de ato de bravura. Esta, reconhecida em citação do presidente Harry Truman dos EUA. Bravura capaz de justificar a concessão de medalha específica a “única que não rece-

beu e que mereceu mais do que ninguém” e que completaria as suas 27 condecorações, das quais 11 nacionais e 16 internacionais.

Escolhido por sua ciência e virtudes para comandar a FEB, segundo o acadêmico Menotti del Picchia,

o marechal que aliava dignidade à bravura, transformou aquela força, de um punhado de bravos, num corpo de combate, homogêneo, eficiente, não raro audaz e impetuoso, que nos trouxe as vitórias de Castelnuovo, Montese, Fornovo e o instante épico de Monte Castelo, que iluminou de glória: as virtudes do soldado brasileiro.

Nosso marechal à frente da FEB, a História o comprova, revelou ao Brasil, um espírito superior, ao chamar a si a responsabilidade do revés e dividir os louros da vitória. Mostrou-se modelar como chefe e líder militar brasileiro, consciente e com alto grau de seus deveres e responsabilidades em sua histórica missão de “comandar a maior aventura militar do Brasil na República”. Ele revelou calma, equilíbrio intelectual e emocional no insucesso e humildade e modéstia na vitória. Foi organizador silencioso, discreto, metílico e previdente. Estrategista e tático inspirado. Planejador sóbrio e objetivo. Condutor sereno, tenaz, enérgico, perseverante, estoico e capaz dos maiores sacrifícios.

O grande historiador brasileiro Dr. Pedro Calmon assim definiu o marechal Măcarenhas de Moraes:

Herói providencial por ter sido, sem injustiça, sem ilegalidade, sem egoísmo e impelido por sua única paixão, compatível com os deveres cívicos — a paixão do Bem

Comum. Providencial por ter feito, como soldado modelo, do destino nacional a sua diretiva da glória sem mácula, a sua ambição, do sacrifício o seu timbre heráldico, das vitórias ganhas pelo país, os títulos impecáveis de sua carreira militar honrada.

Todos os seus feitos, que o consagraram na galeria dos maiores soldados guerreiros do Brasil, foram praticados sem alardes, arruídos, violência desnecessária e abusiva. Não se embriagou com a glória. Não triunfou sobre os vencidos. Ao contrário, exigiu para os prisioneiros de guerra trato humano coerente com as melhores tradições brasileiras e recusou assinar proclamações que expusessem seus homens a manipulações psicológicas.

Como gaúcho, foi fiel às características de firmeza e doçura do gaúcho histórico, que encontraram no general Osório a sua expressão maior e mais autêntica. Características inscritas na bandeira da República Rio-Grandense sob a forma de dois amores-perfeitos.

Firmeza no combate, ao lutar com toda a bravura, garra, firmeza, tenacidade e determinação. Doçura, depois da vitória, traduzida pelo respeito, como religião, à vida, à honra, à família e ao patrimônio do vencido.

Foi além, a expressão viva da dignidade e do respeito à ética e a encarnação da lealdade autêntica à Ordem, à Lei e às Instituições, pelo quê sua dignidade pagou alto preço em 1930.

Não foi um líder carismático, arrebatador. Mas sim líder que firmou sua liderança em função de suas elevadas capacidades

profissional, militar e administrativa. Esta, decorrente das aptidões de muito bem planejar, organizar, comandar, controlar e ordenar. Tudo embasado em inteligência e saúde mental invejáveis; caráter superior; espírito público e integridade em grau superlativo; coragem física e moral, provada em diversas ocasiões; capacidade de decisão e de diagnosticar situações humanas, como no caso de seu estado-maior antes da vitória de Monte Castelo; grande capacidade de autoanálise, autodomínio e fortaleza de espírito, que resistiu na guerra às enormes pressões, que não lhe deixaram sequelas na paz, caso comum entre veteranos de campanhas.

Comparando-o com um *iceberg*, a ponta era representada por sua figura humana que ele classificou certa feita de minúscula. Sob ela, a parte restante e a maior do *iceberg* era representada por seu espírito superior e providencial, para comandar os brasileiros na primeira participação militar extracontinental da Nacionalidade.

Chefe e amigo de seus subordinados, foi o arquiteto de seus entusiasmos, levou, todos os dias, em todos os recantos de sua zona de ação a sua presença, a sua assistência moral, a palavra certa e sobretudo a confiança. Na paz, continuou atento aos seus destinos e na luta pela defesa de seus legítimos interesses.

Além das qualidades excelentes e modelares de cabo de guerra e cidadão brasileiro, foi esposo modelar. Alimentou um amor-veneração correspondido por sua esposa, Adda Brandão, exemplo de filha, esposa, mãe e avó de soldados do Exército Brasileiro. Heroína brasileira moderna, que repousa ao lado do marechal, no Mausoléu dos

Veteranos da FEB, no cemitério São João Batista, que inauguraram com seus veneráveis despojos. Eis mais um traço comum do marechal com o Duque de Caxias, entre tantos outros estudados em *Letras em Marcha* pelo seu oficial de Logística na FEB, o falecido general Agnaldo Senna Campos, autor do anteprojeto do célebre distintivo da FEB *A cobra está fumando*.

Bravo histórico e providencial cabo de guerra brasileiro!

Marechal Mascarenhas de Moraes, hoje denominação histórica da gloriosa 1^a Divisão de Exército, da Vila Militar, que carrega as mais caras tradições da 1^a Divisão de Infantaria Expedicionária da FEB, à frente da qual colheste com teus bravos soldados, louros inacecíveis para armas brasileiras, na Itália na II Guerra Mundial.

Hoje, esta Memória Evocação prestaste, por justiça e dever, uma das poucas homenagens que te eram devidas e, mais do que isso, para consagrarte! Como historiador e geógrafo brasileiro e, fundamentalmente como padrão, símbolo e patrono espiritual do soldado brasileiro moderno, com projeção histórica que mais se aproxima do ínclito Duque de Caxias — o Patrono

do Exército. Como general brasileiro, que conquistou, nos campos de batalha na Itália, lugar na galeria dos capitães da História Militar Mundial; o de maior soldado latino-americano deste século e um dos maiores da História do Brasil e que esteve à altura e honrou as tradições militares brasileiras dos Guararapes, Catalan, Taquarembó, Passo do Rosário, Monte Caseros, Paissandú, Passo da Pátria, Tuiuti, Curuzú, Humaitá, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Campo Grande.

Bravo Marechal Mascarenhas de Moraes! Que o teu imortal exemplo de soldado gaúcho moderno continue a inspirar e alicerçar o presente e o futuro do Brasil e em especial o do Exército Brasileiro — o teu Exército — o Exército do Duque de Caxias — O Pacificador.

Finalizando: O major de engenheiros Alfredo de Taunay, ao falar em nome do Exército, no sepultamento do Duque de Caxias, assinalou como maior característica do Patrono do Exército “A grandeza de sua simplicidade”. Do marechal Mascarenhas, falando em nome das instituições históricas que eu presido ou integro, creio, interpretando os sentimentos gerais, podemos afirmar que suas maiores características foram *a grandeza de sua dignidade e a de sua consciência profissional*. ☺

Referências

- BENTO, Claudio Moreira. **Marechal Mascarenhas de Morais - Significação Histórica**. In Revisão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nº 344:119-136, jul/set 1984. (Nossa oração no Centenário do Marechal a convite do Dr. Pedro Calmon).
- _____. **O Dia da Vitória**. *Letras em Marcha*, 07 mai 1977.
- _____. A participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na 2^a Guerra Mundial. Volta Redonda: Gazeitilha, 1^a ed. 1994 e 2^a ed. Porto Alegre: ANVFEF: Contursi Produções,

2000. A 1^a ed. com prefácio do General Plínio Pitaluga e a 2^a ed., de José Conrado de Souza, ambos acadêmicos da FAHIMTB e veteranos da FEB. Disponível em Livros no site www.ahimtb.org.br

_____. **As duas faces da Glória.** In Revista A Defesa Nacional, nº 255, abr/jun 1992, p. 131.

_____. **Marechal Mascarenhas de Moraes. Significação histórica - síntese.** In Revista do Clube Militar, nov/dez 1983, p. 21/24. Mensário Letras em Marcha nº 146, nov 1983. Diário Popular Pelotas nov 1983 e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, tomo 69, 1983, p. 93ss.

_____. **Evocação do Comandante da FEB nos 60 anos do Dia da Vitória.** In: O Guararapes nº 45 da AHIMTB, abr/jun 2005, disponível em Informativo no site www.ahimtb.org.br

_____. et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **A participação do Brasil na 2^a Guerra Mundial.** In: Brasil - Lutas contra invasões, ameaças e pressões externas... Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2014, p. 388/420.

_____. **Palavras finais** na posse como acadêmico do general Domingos Ventura Pinto Junior na cadeira Marechal Mascarenhas de Moraes, disponível em artigos no site www.ahimtb.org.br

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. História do Exército Brasileiro: Perfil Militar de um Povo. Brasília: Estado-Maior do Exército, 1972.

FAHIMTB. **Orações de posse** na Cadeira Marechal Mascarenhas de Moraes: Gen Carlos de Meira Mattos, Cel Germano Seidl Vidal, Gen Domingos Ventura Pinto Junior e Cel Roberto Mascarenhas de Moraes, no Arquivo da FAHIMTB, na AMAN.

FIGUEIREDO, Osório Santana. **João Baptista Mascarenhas de Moraes.** In: Terra dos Marechais. Santa Maria: Pallotti, 2000, p. 77/103.

MASCARENHAS DE MOARES, Roberto. **Meu avô Mascarenhas de Moraes** (depoimento de quatro páginas cedido ao autor).

MATTOS, Carlos de Meira. **Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1983 (Tomos I e II).

_____. **Traços da personalidade do Comandante da FEB.** In *Revista Militar Brasileira*, nº especial dedicado à FEB, 1973 p. 84-85.

OLIVEIRA, Tácito Theophilo Gaspar de. **Marechal Mascarenhas de Moraes, Centenário.** In Revista do Instituto do Ceará, 1981, Tomo 97, p.1/7.

PERES, Carlos Roberto (org). **Cel João Baptista Mascarenhas de Moraes.** In: Dois séculos formando oficiais para o Exército. Resende: IPSIS-Graf. Ed. 2011, p. 88/89.

VIDAL, Germano Seidl. **A figura excelsa de Mascarenhas de Moraes.** In Revista do Exército, v. 139, 3º quadrimestre 2002.

NR: A adequação das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.